



A Santa Sé

JOÃO PAULO II

AUDIÊNCIA GERAL

Quarta-feira, 16 de Janeiro de 2002

Anseio pelo Senhor e pelo seu Templo

Caríssimos Irmãos e Irmãs:

*Como a corça suspira / pelas correntes de água,
assim minha alma suspira / por ti, meu Deus.*

*Minha alma tem sede de Deus, / do Deus vivo:
quando entrarei para ver / a face de Deus? [Sal 42(41)2-3]*

1. Uma corça sequiosa, com a garganta seca, lança o seu grito perante a aridez do deserto, ansiosa pelas águas frescas de um riacho. Esta célebre imagem abre o Salmo 41, que há pouco foi cantado. Podemos ver nela como que um símbolo da espiritualidade profunda desta composição, verdadeira jóia de fé e de poesia. Na realidade, segundo os estudiosos do Saltério, o nosso Salmo deve unir-se estreitamente ao seguinte, o 42, do qual foi separado quando os Salmos foram ordenados para formar o livro de oração do Povo de Deus. De facto, ambos os Salmos para além de estarem ligados pelo tema e pelo desenvolvimento são marcados pela mesma antífona: "Porque estás triste, ó minha alma, e te perturbas dentro de mim? Espera em Deus: ainda o poderei louvar, a Ele, salvação do meu rosto e meu Deus" (Sl 41, 6. 12; 42, 5). Este apelo, repetido duas vezes no mesmo Salmo, e uma terceira vez no Salmo seguinte, é um convite dirigido pelo que reza a si mesmo, com vista a afastar a tristeza por meio da confiança em Deus, que certamente se manifestará de novo como Salvador.

2. Mas voltemos à imagem de partida do Salmo, que gostaria de meditar com o fundo musical do canto gregoriano ou daquela obra-prima polifónica que é o *Sicut cervus* de Pierluigi da Palestrina.

A corça sequiosa é, de facto, o símbolo do que reza e que se dirige com todo o seu ser, corpo e

alma, para o Senhor, sentido como longínquo e ao mesmo tempo necessário: "A minha alma tem sede do Senhor, do Deus vivo" (*Sl* 41, 3). No hebraico a mesma palavra, *nefesh*, indica ao mesmo tempo a "alma" e a "garganta". Por isso, podemos dizer que a alma o corpo do orante estão envolvidos no desejo primário, espontâneo e substancial de Deus (cf *Sl* 62, 2). Por alguma razão, há uma longa tradição que descreve a oração como "respiração": ela é original, necessária, fundamental como a respiração vital.

Orígenes, grande autor cristão do terceiro século, dizia que a procura de Deus por parte do homem é uma empresa jamais terminada, porque são sempre possíveis e necessários novos progressos. Numa das suas homilias sobre o livro dos *Números* escreve: "Aqueles que percorrem o caminho da busca da sabedoria de Deus não constroem casas estáveis, mas tendas móveis, porque vivem em viagens contínuas caminhando sempre em frente, descobrindo um horizonte que se perde na imensidade" (*Homilia XVII, In Numeros, GCS, XVII, 159-160*).

3. Procuremos agora descobrir a trama desta súplica, que poderemos imaginar dividida em três actos, dois dos quais estão no interior do nosso salmo, enquanto o último se abrirá no Salmo seguinte, o 42, que olharemos em seguida. A primeira cena (cf. *Sl* 41, 2-6) exprime a profunda nostalgia suscitada pela recordação de um passado tornado feliz por belas celebrações litúrgicas, agora inacessíveis: "Ao recordar-me destas coisas, a minha alma derrete-se dentro de mim, unir-me-ei com o meu povo, guiá-lo-ei até à casa do Senhor entre vozes de alegria e de louvor da multidão em festa" (v. 5).

"A casa de Deus" com a sua liturgia é o templo de Jerusalém, que o fiel outrora frequentava, mas é também o lugar da intimidade com Deus, "fonte de água viva", como canta Jeremias (2, 13). Ora, a única água que aflora às suas pupilas é a das lágrimas (*Sl* 41, 4) pela distância da fonte da vida. A oração festiva de então, elevada para o Senhor durante o culto no templo, é agora substituída pelas lágrimas, pelo lamento, pela súplica.

4. Infelizmente, opõe-se um presente triste àquele passado alegre e sereno. O Salmista encontra-se, agora, longe de Sião: o horizonte que o circunda é o da Galileia, a região setentrional da Terra Santa, como sugere a menção das nascentes do Jordão, do cume do Hermon de onde brota este rio e de uma alta montanha desconhecida para nós, o Mizar (cf. v. 7). Estamos, pois, mais ou menos na área em que se encontram as cataratas do Jordão, as cascatas com que começa o percurso deste rio que atravessa toda a Terra prometida. Estas águas, porém, não matam a sede como as de Sião. Aos olhos do Salmista são, pelo contrário, semelhantes às águas caóticas do dilúvio que destruíram tudo. Ele sente-as cair sobre os ombros como uma torrente impetuosa que destrói a vida: "todas as vossas vagas e torrentes passaram sobre mim" (v. 8). Na Bíblia, de facto, o caos e o mal, ou o próprio juízo divino, são representados como um dilúvio que provoca destruição e morte (*Gn*, 6, 5-8; *Sl* 68, 2-3).

Esta irrupção é definida logo a seguir no seu valor simbólico: são os perversos, os adversários do

orante, talvez também os pagãos que habitam nesta remota região onde o fiel está desterrado. Eles desprezam o justo e escarnecem da sua fé, perguntando-lhe ironicamente: "onde está o teu Deus?" (v. 11; cf. v. 4). E ele dirige a Deus o seu pedido angustioso: "porque vos esqueceis de mim?" (v. 10). O "porque" dirigido ao Senhor, que parece ausente no dia da provação, é típico das súplicas bíblicas.

Frente a estes lábios ressequidos que gritam, frente a esta alma atormentada, a este rosto que está prestes a ser submergido por um mar de lodo, poderá Deus permanecer mudo? Certamente que não! O orante anima-se de novo na esperança (cf. vv. 6. 12). O terceiro acto, contido no Salmo seguinte, o 42, será uma invocação confiante dirigida a Deus (Sl 42, 1. 2a. 3a. 4b) e usará expressões alegres e reconhecidas: "Então, entrarei no altar de Deus, o Deus da minha alegria, do meu júbilo".

Saudações

Caríssimos Irmãos e Irmãs

Saúdo com afecto os peregrinos de língua portuguesa. A quantos me escutam, desejo felicidades com a graça de Deus. Levai a certeza da minha estima e da minha oração por vós, com uma bênção para as vossas famílias e comunidades.

É-me deveras grato saudar os peregrinos e os visitantes oriundos das terras de expressão alemã. Que a aspiração a Deus, Redentor da nossa vida, seja sempre vivo em vós! É do íntimo do coração que vos concedo a minha Bênção apostólica a vós, aos vossos entes queridos e a todos aqueles que nos acompanham através da Rádio Vaticano e da televisão.

Saúdo cordialmente os peregrinos de língua espanhola, de modo particular os fiéis da Paróquia de São Bartolomeu, e da Paróquia de São José Operário e São Francisco, provenientes de Múrcia. Convido-vos todos a perseverar na oração, confirmando desta maneira a fé e progredindo ao longo dos caminhos do Senhor.

Obrigado pela vossa atenção.

Dou as boas-vindas aos peregrinos e visitantes de língua inglesa, presentes na Audiência deste dia, de modo especial os numerosos grupos de estudantes dos Estados Unidos da América. Dirijo a minha calorosa saudação também aos alunos da Escola de São José, em Ringsted, na Dinamarca.

Agradeço aos membros do Coro que veio da localidade de Jackson, pelos seus cânticos de

louvor a Deus. Sobre todos vós e as vossas famílias, invoco cordialmente a graça e a paz de nosso Senhor Jesus Cristo!

Sinto-me muito feliz por saudar todos os peregrinos francófonos presentes nesta Audiência, especialmente o grupo da Escola Normal Católica "Blomet", de Paris.

Que a vossa peregrinação renove em vós a confiança no amor de Deus, para serdes testemunhas da sua misericórdia e artífices da paz! Concedo-vos a todos, do íntimo do meu coração, a Bênção apostólica.

Dirijo uma cordial saudação aos peregrinos de língua italiana. De modo especial, saúdo os Dirigentes das sociedades e das empresas que oferecem o seu apoio ao jornal *L'Osservatore Romano*, aqui presentes juntamente com os seus familiares. Caríssimos, agradeço-vos a generosa disponibilidade com que vos empenhais para fazer com que a mensagem evangélica, a voz do Sucessor de Pedro e o Magistério da Igreja alcancem o maior número possível de fiéis.

Oxalá Deus torne fecunda esta vossa colaboração.

Depois, saúdo os Representantes da "Casa Pio XII" de Pozzuoli, e formulo a cada um um os votos de que continue com renovado impulso o serviço de amor para com os mais necessitados, segundo o exemplo luminoso de São Vicente de Paulo.

Enfim, o meu pensamento dirige-se aos *jovens*, aos *doentes* e aos *novos casais*. A solenidade do Baptismo do Senhor, que celebrámos no domingo passado desperte novamente em vós, queridos *jovens*, a recordação do vosso baptismo e vos sirva de estímulo a testemunhar com alegria a fé em Cristo; constitua para vós, dilectos *doentes*, um conforto no sofrimento; e vos ajude a vós, estimados *novos casais*, a aprofundar e a testemunhar corajosamente a fé para, em seguida, a transmitir com fidelidade aos vossos filhos.

Concedo-vos a todos a minha Bênção apostólica!